

PROJETO COREOLAB E OS ENTRE-LUGARES DA COMUNIDADE NA DANÇA

COREOLAB PROJECT AND THE INTERSTITIAL SITES INTO THE COMMUNITY DANCE



Luciana Rassweiler¹
 Mariana Rockenback²
 Josiane Franken Corrêa³
 Carmen Anita Hoffmann⁴
 Cátia Carvalho⁵

¹ Licenciada em Dança pela Universidade Federal de Pelotas. Monitora bolsista do Projeto de Extensão COREOLAB - Centro de Artes UFPel, 2014. Bolsista no Projeto PIBID (CAPES) UFPel, 2011 - 2013.

² Acadêmica do 5º Semestre do Curso de Dança - Licenciatura, Universidade Federal de Pelotas.

Monitora bolsista do Projeto de Extensão COREOLAB - Centro de Artes UFPel, 2014.

³ Mestre em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora Assistente da Universidade Federal de Pelotas - Centro de Artes - Curso de Dança - Licenciatura.

⁴ Doutoranda em História na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professora Assistente do Curso de Dança - Licenciatura, da Universidade Federal de Pelotas/RS.

⁵ Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Coreógrafa (técnica-administrativa) do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas

Resumo

O presente trabalho, além de apresentar um relato acerca das ações realizadas pelo Projeto de Extensão COREOLAB (Laboratório de Estudos Coreográficos), busca refletir acerca do cumprimento dos objetivos propostos pelo projeto, bem como os resultados da realização destas ações tanto para a comunidade em geral quanto à comunidade acadêmica. Através da exposição destas ações, como oficinas esporádicas de gêneros específicos e contínua pesquisa prática em dança, por exemplo, discute-se um dos papéis da extensão universitária, que visa a aproximação da comunidade com as ações acadêmicas e a importância da união entre teoria e prática na construção dos saberes. Para tanto, foram estudados autores como Jezine (2004), Marques (2012) e Rengel (2008), dentre outros. Conclui-se que o projeto afirma a sua relevância extensionista ao aproximar a comunidade pelotense ao ambiente universitário através das ações promovidas, oferecendo à mesma suas próprias experiências em dança.

Palavras-chave: Ensino. Dança. Extensão Universitária.

Abstract

This work, in addition to presenting a report about the actions taken by COREOLAB Extension Project (Choreographic Studies Laboratory), aims to reflect on the fulfillment of the objectives proposed by the project, and the results of the implementation of these actions both for the city community and academic community. By exposing these actions, as sporadic workshops of specific genres and continuous practice research in dance, for example, discusses one of the roles of university extension, aimed at community approach to the academic activities and the importance of unity between theory and practice in the construction of knowledge. Therefore, authors were studied as Jezine (2004), Marques (2012) e Rengel (2008), among others. It concludes that the project affirms its extension relevance bringing Pelotas community to university environment through the actions promoted, offering to community its own experiences in dance.

Keywords: Teaching. Dance. University Extension.

Introdução

O texto a seguir relata algumas atividades de extensão proporcionadas pelo COREOLAB, projeto vinculado ao Curso de Dança – Licenciatura, do Centro de Artes, da Universidade Federal de Pelotas, durante o ano de 2014 e busca refletir sobre a sua ação junto à comunidade pelotense. Desse modo, tem como objetivos apresentar o projeto e o seu desenvolvimento, assim como compreender a ideia da extensão universitária na relação direta com a sociedade na qual está inserida a partir da experiência vivenciada no contexto supracitado. De cunho qualitativo, a pesquisa teve como base teórica o estudo de autores como Jezine (2004), Marques (2012) e Rengel (2008), entre outros (vide referências), além do acompanhamento das atividades realizadas através de observação participante.

Na primeira parte do texto são explicitados o objetivo do projeto, suas principais ações e sua relação no/com o espaço onde é desenvolvido. Logo após, é apresentada e discutida uma das principais ações do COREOLAB, ação que é o tema maior deste trabalho: a promoção de oficinas de dança à comunidade pelotense. Então, na terceira e quarta partes do texto são relatadas duas oficinas realizadas ao longo de 2014, seu desenvolvimento e reflexões. Por fim, são colocadas as considerações finais do trabalho.

O Projeto

O Projeto de Extensão COREOLAB (Laboratório de Estudos Coreográficos)⁶ tem como objetivo geral delinear um estudo sobre a criação em dança e as mudanças artísticas ocorridas com o decorrer do processo coreográfico a partir das atividades propostas no desenvolvimento junto ao contexto pelotense. Busca assim, aproximar os produtores artísticos e a comunidade local do espaço acadêmico, mapeando a criação local e proporcionando a produção de conhecimento em dança através das experiências impulsionadas pelas ações do Projeto.

Para a sua criação, foram considerados os seguintes aspectos: demanda demonstrada pelos acadêmicos do Curso de Dança – Licenciatura em relação à orientação nas suas propostas de composição coreográfica; a necessidade de divulgação do Curso de Dança dentro e fora do espaço acadêmico, dada a condição de um curso relativamente novo na Universidade; a condição de estímulo à investigação de processos artísticos e criativos na contemporaneidade, promovendo interface entre o olhar dos alunos e dos professores envolvidos; a possibilidade de formação de público para a dança no município de Pelotas/RS; a possibilidade de encontrar novas formas de inserção da dança no município e região; e o intercâmbio entre a dança produzida dentro e fora do espaço universitário.

Desse modo, a extensão universitária tem como ênfase a “relação teoria-prática, na perspectiva de uma relação dialógica entre universidade e sociedade, como

oportunidade de troca de saberes” (JEZINE, 2004, p. 2). Na busca pela relação entre teoria e prática na área da dança, o Projeto COREOLAB desenvolve diferentes ações, como a manutenção de um grupo de dança da Universidade, a promoção de mostras coreográficas, a orientação de trabalhos de composição coreográfica e a organização de oficinas de dança – ações relatadas a seguir.

Uma das ações desenvolvidas pelo projeto é a manutenção de um grupo de dança experimental criado em 2013 nas dependências da Universidade, que pesquisa múltiplas possibilidades de criação e investigação na dança, assim como seus inúmeros entrecruzamentos. O objetivo geral do grupo é estudar sobre criação em dança, especialmente no que se refere à composição coreográfica e seu objetivo específico é a produção de trabalhos artísticos, buscando proporcionar a fruição e a aproximação da comunidade com a dança. O plano de trabalho desenvolvido a partir de 2013 buscou um diálogo para a construção coreográfica por meio da trajetória artística de cada integrante do grupo, onde pode ser ampliado o contato com a improvisação em dança. A proposta deve chegar ao ponto de socializar os trabalhos em diferentes espaços na cidade de Pelotas.

Outra ação do projeto é a promoção de uma mostra coreográfica a cada final de semestre, a fim de estabelecer um espaço para compartilhar com os discentes, docentes do curso e a comunidade em geral os trabalhos produzidos ou em processo dentro da universidade. Considera-se esta iniciativa como deveras importante para o diálogo entre os alunos e professores envolvidos e uma oportunidade de fruição em dança para a comunidade. Permite aos alunos/artistas mostrarem suas obras e dividirem experiências com os demais.

O COREOLAB também possibilita a criação em dança dos alunos sob a orientação de professores da Universidade, dando o acompanhamento artístico e a orientação pedagógica que os acadêmicos necessitam na produção de seus trabalhos práticos de dança. Nesta perspectiva, os professores orientam os alunos da graduação na pesquisa, montagem e apresentação de suas composições coreográficas, dando suporte na criação de coreografias dos mais distintos gêneros de dança. O intuito é auxiliar os alunos na reflexão, questionamento e aprimoramento dos seus processos artísticos por meios de múltiplas possibilidades de criação e investigação e socializar as produções desses alunos com diferentes públicos e em diferentes espaços, buscando propor novas estratégias de inserção desses trabalhos na cidade e região. Outra promoção do Projeto é a organização de oficinas de dança, assunto que será tratado adiante com maior atenção, oficinas que envolvem pessoas interessadas na prática da dança, sejam elas vinculadas à Universidade ou não.

Oficinas do Projeto COREOLAB

A proposta de ofertar oficinas de dança abertas à comunidade resultou da percepção de

que este seria um modo de aproximar a sociedade local do espaço da Universidade e a partir disso, identificar necessidades comunitárias e construir conhecimento de modo colaborativo. Durante o ano letivo de 2014 foram ofertadas duas oficinas, que aconteceram nos meses de Junho e Novembro, com duração de duas horas cada, realizadas no espaço do curso de Dança – Licenciatura, da UFPel, que reserva salas apropriadas para a prática e pesquisa coreográfica.

Desde o seu início, as oficinas organizadas pelo projeto COREOLAB foram elaboradas a partir de gêneros de dança considerados pela equipe como de fácil aceitação por parte do público a ser atingido. A partir da oferta de oficinas de gêneros de dança conhecidos, como por exemplo: Dança Afro⁷, Jazz⁸ e Dança Contemporânea⁹, Ballet Clássico e Danças Urbanas, o projeto visou contemplar diferentes vertentes e profissionais da dança residentes na cidade de Pelotas.

Mesmo acreditando que a comunidade é capaz de identificar estes gêneros de dança, é preciso ressaltar que muitas vezes o ensino da dança é restrito a um público pequeno, composto por pessoas que tem condições de arcar com mensalidades de academias, roupas para fazer aulas e figurinos para apresentações. Desse modo, ofertar o ensino da dança, nas suas diferentes vertentes, de forma gratuita, com profissionais reconhecidos por sua atuação na área e compreender esta ação como uma possibilidade de democratização da dança tornou-se um dos eixos principais do Projeto COREOLAB junto à comunidade pelotense.

Para Ávila (2009, p. 3) “A dança, enquanto área de conhecimento, não pode ser um privilégio de pequenos grupos”. Pensando nisso, a equipe responsável pela organização das oficinas do projeto escolheu gêneros de dança que atualmente encontram-se, na sua maioria, em espaços comerciais. Essa escolha se deu pela intenção primeira dos projetos de extensão, que visa estreitar a relação entre comunidade acadêmica e comunidade não acadêmica, possibilitando tanto a entrada na Universidade por parte dos professores de dança e coreógrafos que atuam no município de Pelotas, como da comunidade pelotense interessada em participar das atividades, sem restrição de idade, gênero ou experiência prévia em dança.

Para além disso, a participação de professores de dança da cidade também buscou valorizar o trabalho dos profissionais da região, possibilitando a estes intervir e gerar novos conhecimentos a partir deste intercâmbio de realidades.

Os princípios da integração ensino-pesquisa, teoria e prática que embasam a concepção de extensão como função acadêmica da universidade revelam um novo pensar e fazer, que se consubstancia em uma postura de organização e intervenção na realidade, em que a comunidade deixa de ser passiva no recebimento das informações/conhecimentos transmitidos pela universidade e passa a ser, participativa, crítica e construtora dos possíveis modos de organização e cidadania (JEZINE, 2004, p. 3).

Acredita-se que a universidade que pretende ser de amplo acesso e aberta às demandas da sociedade deve estar atenta aos conhecimentos oriundos da mesma, como no caso do Projeto COREOLAB, ao escolher trazer professores da comunidade para a Universidade e não o contrário. Com isso, ressalta-se a multiplicidade de conhecimentos oriundos da prática de dança na vida social de muitas pessoas, pois “A pluralidade de técnicas corporais é a consequência da pluralidade de corpos. Não há uma técnica única que possa servir a todos os corpos, nem um corpo que possa se adaptar a todas as técnicas” (STRAZZACAPPA e MORANDI, 2006, p. 45). Desse modo, para ofertar as oficinas do projeto, foi necessário um primeiro mapeamento de que tipos/gêneros/técnicas de dança estavam sendo praticadas na comunidade pelotense.

A escolha de professores da comunidade também interferiu diretamente na oferta das oficinas, que foram realizadas de acordo com a disponibilidade do calendário profissional dos ministrantes das oficinas. Assim, as oficinas oferecidas consecutivamente no 1º e 2º semestre do ano de 2014, ocorreram propositalmente em um horário e dia em que um maior número de pessoas pudessem comparecer, na sexta-feira, das 17 às 19 horas. A divulgação foi realizada em sua maior parte nas redes sociais e meios digitais (*facebook*, *blog* e *site* da UFPEL) e também em forma de cartazes distribuídos pelos campus da Universidade Federal de Pelotas e em escolas públicas do município.

O espaço onde as oficinas foram realizadas, (espaços do curso de Dança – Licenciatura) também proporcionou um estreitamento entre a comunidade e o espaço acadêmico, de forma que os participantes que não eram frequentadores daquele espaço e tinham a oportunidade de conhecê-lo e desfrutar da experiência de interagir com o mesmo. Pode-se considerar que esta relação também gerou uma melhor compreensão dos alunos acadêmicos acerca das produções em dança que ocorrem fora do curso, minimizando ou desfazendo pré-conceitos e construindo uma troca efetiva de conhecimento. Acredita-se também que a abertura da direção de público às quais as oficinas eram oferecidas também colaborou para uma desmistificação de crenças relativas aos gêneros de dança, frequentemente relacionadas à virtuosidade técnica, dificuldade, complexidade de passos, obrigatoriedade de um conhecimento prévio sobre a prática, dentre outros aspectos.

Deste modo, as oficinas foram organizadas e oferecidas de forma que qualquer pessoa pudesse participar, levando em consideração o conhecimento do mais inexperiente participante ao mais experiente bailarino. Assim, o projeto buscou principalmente fomentar as inter-relações e os entre-lugares entre comunidade/academia, que de forma alguma está dissociada uma da outra, mas que por vezes se distanciam, criando brechas prejudiciais para a construção do conhecimento.

Como aponta Marques (2012, p. 54),

É principalmente o professor de Arte que tem entre suas funções abrir as portas e construir para/com os estudantes pontes entre “o mundo da arte lá fora” e o universo da Arte na escola, construindo pontos de mão dupla, [...] Para que isso aconteça, é importante que o próprio professor não se isole, mas seja um frequentador, um fazedor, um “fã” da arte.

E foi justamente com esse intuito que o projeto proporcionou estas oficinas, intencionalmente abertas ao público em geral, principalmente para proporcionar às pessoas que não tem a oportunidade de entrar em contato com o espaço universitário e com determinados gêneros de dança, mostrando as múltiplas possibilidades de relações que podem ser construídas com as técnicas de dança. Desse modo, pôde dar visibilidade principalmente para a democracia de corpos ao qual a dança pode se mostrar como um caminho de conhecimento.

Ao enfatizar essa abertura, que era premissa básica e avisada antecipadamente ao ministrante da oficina, o projeto também possibilitou uma resignificação do olhar da comunidade em relação aos gêneros de dança, geralmente admirados e valorizados em palcos de grandes festivais e de renomados teatros. Nesta resignificação é que se localiza um campo fértil para uma nova concepção de dança e de corpos dançantes, no sentido de que ao passo em que pessoas experimentam os mais diversos estilos de danças, no seu próprio modo de conhecer e ser corpo, admite-se que qualquer lugar e qualquer corpo se torna um terreno fértil para a dança.

Foi neste terreno fértil em que o projeto insistiu para que mesmo os alunos do curso que não eram íntimos do estilo de dança proporcionado nesta ou naquela oficina, participasse ou presenciasse a oficina, aumentando assim o seu repertório pessoal como artista e futuro professor de dança. Nesta mesma perspectiva, Rengel (2008) discorre sobre a percepção do senso comum em relação às técnicas e gêneros de dança:

Se ensinarmos nossos alunos a terem uma visão crítica e proporcionar-lhes (e a nós próprios) uma atitude emancipatória e negarmos a postura vigente que permite a interferência de certos aspectos da mídia na educação, deixará de existir por completo uma ditadura que imponha “tipos de corpos”. É de extrema importância que o aluno saiba que todos os corpos dançam (RENGEL, 2008, p. 6).

Pode-se mencionar que, desta forma, as oficinas organizadas pelo COREOLAB buscaram proporcionar mais do que o estreitamento de relações entre comunidade e academia, mas também procura convidar os próprios alunos do curso de Dança – Licenciatura a aproximarem-se de novos modos de ver a dança e a estreitarem as suas relações pessoais com a dança, resignificando seus padrões, pré-conceitos e verdades pré-estabelecidas.

Oficina de Danças Urbanas

No dia seis de junho do ano de dois mil e quatorze (6/6/2014) foi realizado no espaço do Tablado¹⁰, no curso de Dança – Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), uma oficina de Danças Urbanas¹¹, ministrada pelo professor Paulo Renato Monteiro (Paulinho), conhecido por seu trabalho como coreógrafo do Grupo de Dança Trem do Sul.

O grupo tem grande influência na cidade de Pelotas não somente pelo trabalho desenvolvido, mas por proporcionar aos seus integrantes o conhecimento de outras culturas e realidades. Na oportunidade da oficina, Paulo, o coreógrafo do grupo, relatou sobre a importância do desenvolvimento de um trabalho que tenha ênfase no caráter social de inclusão e valorização dos integrantes. Reconhecidos nacional e internacionalmente no gênero de danças urbanas, o grupo já representou o município de Pelotas em diversas oportunidades e eventos renomados, como por exemplo: a competição Internacional de Grupos de Danças Urbanas, que no ano de 2014 ocorreu na cidade de Las Vegas (E.U.A) ao qual o grupo Trem do Sul foi selecionado para representar o Brasil.

O diálogo entre um grupo reconhecido e experiente que atua na comunidade e a universidade torna-se relevante, pois demonstra na prática diversos pontos estudados e trabalhados no meio acadêmico da dança, como a própria prática do gênero de Danças Urbanas, geralmente aprendido e ensinado apenas por pessoas às quais se aproximam do movimento de rua e que, via de regra, não estão incluídas no contexto acadêmico. Esta lacuna entre os movimentos populares de rua como as Danças Urbanas e as mais diversas artes, pode ser resignificada diante da aproximação feita entre acadêmicos (professores e alunos) e o grupo, que, na maioria das vezes mantém o seu trabalho à margem da realidade da Universidade por diversos fatores.

Este espaço de democratização também denuncia esta lacuna como prejudicial à troca de conhecimentos e como um fator que impede um maior e melhor crescimento da área da dança, principalmente à Universidade, que na maioria dos casos não considera como essenciais os conhecimentos que diferem das suas formas de pesquisa. Muitas vezes, a pesquisa prática da dança na Universidade é centrada em metodologias diferentes daquelas que comumente encontramos na sociedade, o que causa um afastamento entre realidade/mercado profissional e pesquisa acadêmica. Por isso, acredita-se que O desafio para a Universidade na atualidade é buscar através da experiência empírica e social aproximar a realidade do espaço acadêmico e vice-versa.

O Projeto de Extensão COREOLAB é também um meio de aproximação entre os artistas da cidade e a Universidade, assim tendo como um dos objetivos o entrecruzamento da teoria e da prática.

Para a realização das oficinas propostas pelo COREOLAB, ficou a cargo das

bolsistas do projeto, organizar e divulgar a oficina. Dessa maneira, para a viabilização da oficina ministrada pelo coreógrafo Paulo, as alunas bolsistas encontraram-se no espaço da Universidade com antecedência para organização e limpeza do espaço, montagem da aparelhagem de som, organização das fichas de preenchimento de presença dos participantes, entre outras tarefas. A oficina iniciou às 17 horas do dia 06 de junho de 2014 com uma breve contextualização histórica das Danças Urbanas, mais precisamente do estilo de dança *Locking*¹², que seria o foco da oficina ministrada.

Inicialmente, o professor esclareceu que o seu planejamento para a oficina incluía uma introdução da técnica escolhida e que isso posteriormente possibilitaria a criação de partituras próprias de movimento por parte dos participantes. Desse modo, ele indagou sobre que tipo de relação ou conhecimento os participantes da oficina já tinham sobre danças urbanas e a partir daí, instigou a turma a refletir sobre a prática da dança. Essa metodologia aproxima-se do que Ávila (2009), coloca sobre a problematização necessária para alcançar um momento de reflexão, por parte do professor, na aula de dança:

Uma vez identificado os conhecimentos dos alunos acerca da temática apresentada, passa-se para o momento da problematização, o segundo passo proposto e que se caracteriza pela explicitação dos principais problemas do conteúdo abordado. No caso da problematização acerca da dança e suas diferentes manifestações, o professor irá indagar os alunos com questões que os despertem na busca do conhecimento. Por exemplo: Porque os negros não estão presentes no ballet? Por que algumas manifestações da dança só podem ser vivenciadas por homens e/ou por mulheres? Porque algumas danças têm a presença quase exclusivamente por negros? Será que o homem que dança é homossexual? Existem regras ou padrões para se dançar? Como você dança? Quais os tipos de dança presentes na mídia? (ÁVILA, 2009, p. 5).

A partir da trajetória pessoal dos alunos e sua relação com o aprendizado de dança, o professor pode estimular o raciocínio crítico, refletir sobre a história e seus acontecimentos e, ainda, questionar preconceitos sobre gênero, raça e opção sexual.

No processo de ensino e aprendizagem da dança, ainda, pode através da sua abordagem docente, estimular a autonomia e criatividade, instigando o aluno a utilizar os novos conhecimentos para a produção de outros movimentos. As Danças Urbanas – gênero de dança ministrado pelo professor e coreógrafo Paulo no Projeto COREOLAB–, mais especificamente a técnica *Locking*, pode ser comparada ao gênero de dança *Ballet Clássico*, no que diz respeito à sistematização de passos e da técnica. Então os passos ensinados (*scooby-doo*, *point*, *up*, entre outros) fazem parte de uma base mais introdutória da técnica, mas que possibilita uma grande gama de recomposições. Estas

recomposições são possíveis caso o aluno estiver apto para a mudança e souber aproveitar o conhecimento adquirido de uma maneira própria e original.

Depois de um breve alongamento/aquecimento direcionado pelo professor e através dos passos citados acima, organizou-se uma pequena coreografia que foi experimentada pelos participantes da oficina. Esta mesma coreografia foi experimentada em diferentes velocidades para uma maior compreensão do sequenciamento dos passos, além da experimentação de executar os passos com o lado esquerdo do corpo e para direções e com deslocamentos para diferentes lados da sala de aula. As mudanças de dinâmica de movimento foram aproveitadas para suscitar questionamentos como: de que outras maneiras é possível executar um movimento deslocando pela sala? É preciso dançar sempre para a mesma direção? Questionamentos que provocaram uma possibilidade de desacomodar aquilo que já era comum ao corpo.

Após a coreografia ser executada com propriedade por todos os participantes da oficina, o professor orientou para uma vivência que se assemelha com a tradição de bailes de dança *Disco Train*, bailes desenvolvidos no contexto dos Estados Unidos e ao qual deu origem ao estilo de dança *Locking*. Neste momento, o grande grupo se divide entre o lado direito e esquerdo da sala e duplas, os alunos vão atravessando a sala improvisando a dança utilizando-se dos passos que o professor ensinou anteriormente.

A intenção neste momento era vivenciar tal qual eram os bailes que deram início ao estilo e, após todos os alunos terem experienciado a improvisação, a oficina foi encerrada em clima de uma grande baile e de uma grande comemoração. Ao final da oficina, o grupo integrante do Projeto COREOLAB agradeceu a presença do professor e ressaltou a importância da ação de pessoas da comunidade dentro da Universidade e, principalmente a troca de saberes e vivência entre esses espaços sociais.

Ressalta-se que a figura do coreógrafo convidado para esta oficina, coreógrafo conhecido por praticantes de danças urbanas pelo seu trabalho junto à comunidade, fez com que boa parte do público participante fosse de integrantes de grupos de danças urbanas do município de Pelotas, até mesmo alunos e ex-alunos do ministrante. Este aspecto gerou inicialmente um desconforto para os acadêmicos de Dança – Licenciatura, que não estavam acostumados com tamanho intercâmbio naquele espaço universitário e que aparentemente sentiram-se expondo suas habilidades práticas em dança para pessoas desconhecidas.

Com o decorrer da oficina, os participantes foram mesclados para a proposta e o coreógrafo conseguiu abordar o ensino da dança de maneira em que todos pudessem se sentir incluídos e valorizados na atividade. A situação observada nesta oportunidade levou a equipe do Projeto à conclusão de que é necessário aumentar o número de atividades em que há o intercâmbio de saberes entre comunidade acadêmica e não acadêmica. Pois, especialmente nesta oficina, foi marcante a presença de corpos provenientes das culturas da periferia trazendo várias imagens das danças urbanas a

partir de suas experiências pessoais.

Assim, a cada oficina são proporcionadas vivências de diferentes significados culturais e que demandam estratégias pedagógicas plurais e inclusivas. Entende-se que esse processo é pertinente à formação docente dos acadêmicos em dança, pois nas oficinas passam a realizar concretamente uma prática estética¹³ ligada à existência humana, neste caso específico, a dança, de uma forma antes não imaginada, tornando cada vez mais diverso e amplo o campo de conhecimento da prática artística.

É importante ressaltar que o conteúdo e nível de complexidade do gênero de dança trabalhado foram pensados justamente no pressuposto de que os participantes não tinham nenhum conhecimento técnico em relação às Danças Urbanas, por isso a oficina teve caráter democrático de abrangência de participantes. O Projeto COREOLAB tem consciência de que de fato, o espaço acadêmico foi aberto para experiências outras a que a Universidade oferece e que o diálogo com artistas e profissionais fora dela foi estabelecido ou, pelo menos, iniciado.

Oficina de *Ballet* Clássico

Aos quatorze dias do mês de novembro do ano de dois mil e quatorze (14/11/2014), foi realizada no curso de Dança – Licenciatura, da Universidade Federal de Pelotas, a oficina de Introdução à Técnica de *Ballet* Clássico¹⁴, aberta à comunidade em geral, ministrada pelo professor Diego Chame Porciuncula, que atualmente atua como professor e diretor da Pless - Studio de *Ballet* e Movimento, localizada no centro da cidade de Pelotas.

Pless - Studio de *Ballet* e Movimento foi inaugurado no mês de março do ano de 2013 e localiza-se na Rua Santa Cruz, número 2589, no Centro da cidade de Pelotas. O espaço conta 1 (uma) sala específica para aulas e ensaios, contando com chão madeirado, paredes espelhadas e barras colocadas em duas paredes, um ambiente adequado para a prática da dança. O Studio conta com dois diretores/coordenadores, Diego Chame Porciuncula, que é graduado em Educação Física e Jean Coll, que é formado em Farmácia; e propõe uma democratização do ensino aprendizagem da técnica do *Ballet* Clássico através do oferecimento de turmas que iniciam os estudos práticos da técnica a partir de uma idade já avançada, propondo uma visão menos rigorosa acerca do ensino e execução da técnica.

A oficina deu início às 17 horas e o professor iniciou com um breve relato de suas experiências pessoais dentro da dança e mais especificamente do *Ballet* Clássico, no qual chegou a participar como bailarino do *Ballet* Teatro Guaira, de Curitiba – PR. O mesmo também enfatizou a ideia de que a oficina apenas proporcionaria uma vivência dentro da técnica de *Ballet* Clássico, mas não possibilitaria um maior aprofundamento ou uma formação efetiva.

Iniciou-se a oficina com um breve aquecimento/alongamento executado no chão,

próprio para a preparação e fortalecimento da coluna vertebral e musculatura adjacente, embasado em categorias de movimento da metodologia de *Barra à Terre*³⁵. Movimentos com articulações das pernas, dos pés e do pescoço deram início ao processo de uma aula tradicional do *ballet*, no qual se inicia com aquecimento/ alongamento no chão, em seguida os participantes realizam sequências de movimento apoiados na barra e depois executa-se exercícios no centro da sala sem nenhum apoio.

Após o aquecimento/alongamento, o professor orientou as sequências realizadas na barra tradicional, ao qual se executa os exercícios com o apoio. Neste momento, o professor tentou o máximo possível ser fiel à sistematização de uma aula de ballet clássico, passando pelos passos de *pliè*, *tendu*, *petit batment jetè*, *passè*, *grand jetè* e equilíbrios em *relevè*. Também foram experimentados esses exercícios em todas as posições de pés que o *ballet* sistematiza, além da execução dos passos igualmente para o lado direito e lado esquerdo de comando do corpo.

Após a execução da barra, o professor orientou alguns passos básicos como o *tendu* e o *grand batment*, porém no centro da sala e sem o apoio que a barra oferece, para um maior domínio do movimento e do equilíbrio do corpo. Após esta vivência, o professor nos orientou que ainda nos faltaria na oficina a vivência de execução dos exercícios nas diagonais da sala, que não seria possível naquele dia por questões de tempo e de falta de domínio de técnica. A execução de passos nas diagonais exige um maior entendimento e domínio sobre o *Ballet* e então esta não seria feita, porém foi colocada como parte importante e integrante de uma aula tradicional de *Ballet Clássico*.

Ao final da oficina, o professor contextualizou a importância do rigor com a técnica e o fato de que por ser muito complexa, existe um período de tempo maior em que uma pessoa pode se tornar de fato bailarino. Porém nos últimos tempos, o número de academias e companhias que oferecem aulas e preparações físicas para iniciantes e para pessoas que não possuem nenhuma vivência com a técnica tem crescido consideravelmente, fator que possibilita uma democratização destes espaços e dos corpos que participam e executam esta técnica. O professor terminou a oficina com uma fala de abertura de contatos caso os participantes tivessem vontade de compor o seu Studio de dança ou tivessem interesse de apenas aprofundar os estudos na técnica de *Ballet Clássico*.

Nesta oficina houve menor adesão por parte da comunidade não acadêmica, se comparada à oficina de Danças Urbanas, relatada anteriormente. Foi perceptível que, mesmo entre os acadêmicos de Dança – Licenciatura, os participantes da oficina foram, na sua maioria, aqueles alunos que já tiveram, em algum momento, contato com este gênero de dança. Acredita-se que isso tenha acontecido devido aos pré-conceitos relacionados ao *ballet* e ao corpo adequado para esta prática. Antigamente era disseminada a ideia de que era necessário ter um biótipo corporal específico para se dançar *ballet*, ideia que ainda demonstra resquícios na contemporaneidade. Outro fator

percebido foi o de que o público participante da oficina foi, na sua maioria, formado por mulheres. Mesmo os acadêmicos homens do Curso de Dança não demonstraram interesse em participar da atividade, o que levantou muitos questionamentos por parte da equipe do Projeto COREOLAB. Segundo Strazzacappa e Morandi (2006, p. 45),

As técnicas corporais são também condicionadas por fatores socioculturais. A escolha por uma ou outra atividade é carregada de valores. Ela não foge a certas convenções sociais, sobretudo no que tange à educação das crianças. Por que escolhemos, por exemplo, a dança clássica para as meninas e o judô para os meninos? Num país onde a herança machista ainda está presente, raramente se veem meninos na aula de balé. [...] Há papéis bem definidos para homens e mulheres em nossa sociedade, apesar do movimento contínuo pela igualdade de todos. Nesse contexto, às mulheres é reservada toda atividade em que a ternura, a delicadeza e a sensualidade são imperativas, e aos homens, as atividades físicas nas quais a força, a agressividade e o domínio são necessários.

A colocação das autoras abrange a relação dos indivíduos brasileiros com as práticas e técnicas corporais, corroborando com a percepção sentida pela equipe COREOLAB na promoção da última oficina ministrada. Este fato chama a atenção para a necessidade de um esclarecimento acerca de quem pode dançar e dançar o que, que tipo de dança. Especialmente quando se trata de um curso de Licenciatura, é relevante refletir e repensar de que modo os alunos encaram determinados modos de produção em dança, para que o coletivo possa buscar estratégias para desmistificar conceitos ultrapassados sobre corpo, dança e educação. De qualquer forma, considera-se de extrema importância o intercâmbio proporcionado pela oficina de *Ballet Clássico*, para que as ações possam intermediadas de maneira mais eficaz, seja na sua divulgação como na posterior reflexão sobre a experiência.

Considerações finais

Considerando o projeto e seu desenvolvimento, nota-se o interesse dos alunos e da comunidade em participar das oficinas realizadas. A participação de profissionais da área da dança de diversos gêneros dentro da Universidade tem agregado ao apresentar a prática de suas vivências, além de proporcionar a experimentação da técnica específica a alunos de outras vertentes. Percebe-se que o projeto tem aproximado a comunidade ao ambiente universitário, através das ações promovidas, oferecendo à mesma suas próprias experiências em dança.

Também, a partir das oficinas promovidas pelo Projeto COREOLAB, foi possível compreender a complexidade de uma prática pedagógica em que o corpo está

em constante processo de leitura, ou seja, é preciso a todo o momento “ler” os corpos e suas danças, tentando compreender que cada sujeito possui a sua história e cada corpo carrega marcas dela. É justamente essa mistura de corpos que mobiliza a descoberta de referenciais que possibilitem a construção de uma proposta de educação através da dança, que se faz pelas experiências estéticas e singulares. A criação da dança acontece no conjunto de pessoas que se revezam e se conflitam com seus saberes inscritos em seus corpos, com suas próprias culturas de movimento. São experiências estéticas que se explicitam e criam voz através do corpo, esta estrutura geradora de beleza e de arte que se entrega sensivelmente para criar danças.

Considera-se aqui uma pedagogia da dança que trabalhe com a percepção estética, com a sagacidade da pele, com a estimulação dos sentidos para corpos vibrantes e criadores, para que sintam-se misturados na criação artística e tenham envolvimento com ela. Uma experiência estética que foge das normas positivistas, dos padrões formalistas, que não pode ser capturada em um discurso, em rasas palavras, simplesmente surge do imprevisível e do sentido dos corpos. A arte se manifesta esteticamente com toda a sua plenitude de comunicação, como uma experiência que nasce do contato imediato com a vida do aqui e agora. Considera-se, para tanto, que este projeto de extensão contribui para a formação de um corpo mais relacional e dialógico, fazendo perceber a relação dança – arte – educação sobre uma outra perspectiva, a da alteridade, que considera o “outro” como legítimo “outro” na convivência, numa interação com o diferente.

Referências

ÁVILA, Regiane. Pedagogia Histórico-Crítica e o Ensino da Dança: construindo uma ação pedagógica possível. **Anais do III EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino**. Goiás, 2009. Disponível em: <http://www.ceped.ueg.br/anais/IIIedipe/pdfs/2_trabalhos/gto6_educacao_fisica/trab_gt06_pedagogia_historico_critica_ensino_da_danca.pdf>. Consulta em 13 fev. 2015.

GUARATO, Rafael. **Dança de rua: corpos para além do movimento (Uberlândia – 1970-2007)**, Uberlândia: EDUFU, 2008.

JEZINE, Edineide. As práticas curriculares e a extensão univeristária. In: **Anais do II Congresso Brasileiro de Extensão Universitária**, 2004, Belo Horizonte. [Re]conhecendo diferenças construir resultados. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004. p. 01-15.

MARQUES, Isabel; BRAZIL, Fábio. **Arte em questões**. São Paulo: Digitexto, 2012.

MEIRA, Marly. **Filosofia da Criação**. Porto Alegre: Mediação, 2003.

MUNDIM, Ana Carolina da Rocha. Uma possível história da dança jazz no Brasil. In: **Anais III Fórum de Pesquisa Científica em Arte**, Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Curitiba, 2005, f. 96-108. Disponível em: http://www.embap.pr.gov.br/arquivos/File/anais3/ana_mundim.pdf. Acessado em: 07/02/2015.

RENGEL, Lenira. **Ler a Dança com todos os Sentidos**. São Paulo: Fundação para o desenvolvimento da educação, 2008.

RENGEL, Lenira & LANGENDONCK, Rosana Van. **Pequena viagem pelo mundo da dança**. São Paulo: Moderna, 2006.

SAMPAIO, Flávio. **Ballet Essencial**. Rio de Janeiro: Sprint, 1996.

STRAZZACAPPA, Márcia; MORANDI, Carla. **Entre a arte e a docência: a formação do artista da dança**. Campinas, SP: Papirus, 2006.

Notas

⁶ Projeto de Extensão criado em 2011 e vinculado ao Centro de Artes – Universidade Federal de Pelotas. Coordenação: professora (avaliação cega).

⁷ A dança afro surgiu no Brasil no período colonial, foi trazida por africanos retirados do seu país de origem para realizarem trabalho escravocrata em solo brasileiro. Esse estilo de dança foi registrada primeiramente na composição de religiões africanas e começou a se fortalecer em meados do século XIX com a ajuda dos tribos: sudaneses; bantos (dois povos situados em território africano) e os indígenas, que foram responsáveis pela criação do candomblé e de outros segmentos regionais que deram origem à dança dos caboclos e outros aspectos da cultura africana (<http://www.mundodadanca.art.br/2010/02/historia-danca-afro.html>. Acesso em: 07/02/2015).

⁸ Verificamos que os primeiros indícios da dança jazz no Brasil surgiram por volta das décadas de 1930 e 1940, mas foram os anos 60 que a impulsionaram concretamente no país, deixando heranças técnicas até os dias atuais. Pretendemos acompanhar o fluxo de mudanças, no contexto das manifestações em dança, que se concentrou, especialmente na década de 1960 e se reflete até hoje. Estimuladas sobretudo no dinamismo dos espetáculos musicais, nas apresentações de televisão, filmes musicados e na abertura de academias de dança jazz, essas mudanças irão introduzir nas estruturas de cursos acadêmicos desde técnicas importadas diretamente de escolas e profissionais do exterior, até estilos de bailarinas brasileiras apropriados às características de nossa cultura (MUNDIM, 2005, p. 96-97)

⁹ Na dança contemporânea, todas as técnicas são utilizadas, dependendo apenas do que o

artista escolher, não existe hierarquia, todos os bailarinos tem a mesma importância. A dança contemporânea é provocadora no uso dos espaços, ela pode acontecer em praças, prédios, paredes, tetos, lajes, galerias de arte, entre tantos espaços. É comum, também, o uso de diálogos e textos junto com os movimentos (RENGEL e LANGENDONCK, 2006, p. 63).

¹⁰ O Tablado é um espaço ocupado pelos Cursos de Dança e Teatro da UFPel para aulas práticas, pois, como o próprio nome diz, há um piso de madeira (tablado) para atividades corporais e é bastante amplo, podendo abrigar cerca de 20 a 30 pessoas participando de uma aula de dança.

¹¹ As danças urbanas ou dança de rua “[...] lida com diferenciadas danças, que de fato proveio de uma matriz negra norte-americana, mas o “mix” entre estas técnicas e formas diferentes de se dançar não havia ainda sido experimentado. [...] designa uma dança que mescla, inicialmente, *break, jazz e funk*, talvez possa existir uma ou outra experimentação além dessa estrutura, principalmente o house e no início do século XXI o new school e o *krump*, mas o que configura no circuito de danças conhecidas no Brasil como dança de rua é essa base: *jazz, funk e break*” (GUARATO, 2008, p. 41).

¹² O gênero de danças urbanas é formado por diferentes manifestações artísticas, que tem relação com o contexto onde cada manifestação foi criada. Dentre estas manifestações, é possível citar: *Locking, Popping, Boogaloo*, dentre outras. O *Locking* é originário do *Funk* e foi criado na década de 1960, em Los Angeles – Estados Unidos da América. Para saber mais, ver em Guarato (2008).

¹³ Segundo Meira (2003), a teoria estética nasceu como disciplina da metafísica grega e como reflexão capaz de dar conta das mediações entre teoria e prática, entre o inteligível e o sensível. A teoria estética surgiu, portanto, de uma interface e por necessidade de compreender o sentido das interações do que transita e vibra, anima e é animado por tal relação.

¹⁴ Segundo Rengel e Langendonck (2006, p. 16) “O *ballet* se desenvolveu na Itália a partir do século XV, particularmente em Florença onde aconteciam grandes festas que duravam muitos dias no palácio dos Médicis. Estas festividades representavam riqueza e poder. [...] *Ballet* é, portanto, um tipo, um gênero de dança. No início do século XVIII, Pierre Beauchamp criou as 5 posições básicas dos pés, onde todos os movimentos e passos terminam nelas, são acompanhadas de posições de braços e cabeça e conhecidas por todos os bailarinos clássicos. Com o rei Luís XVI, a dança teve grande desenvolvimento, ele foi um exímio bailarino e fundou a Academia Real da Música e da Dança, o que começou a profissionalizar o *ballet*. Deixa de ser uma atividade exclusiva da corte. Para a execução do *ballet* clássico existe uma técnica para que o bailarino alcance resultados dessa poética”.

¹⁵ *Barra à Terre* significa “barra no solo” e, como o próprio nome anuncia, são os movimentos de *ballet* normalmente executados na barra na posição em pé, porém, desta forma, são executados com o corpo deitado no solo. Para consultar este e outros termos técnicos de *ballet* clássico citados no texto ver: SAMPAIO, Flávio. **Ballet Essencial**. Rio de Janeiro: Sprint, 1996.